

# O PHAROL DO MINHO.

Responsavel, o Bacharel J. M. d'Arnujo Correa.

SEM ESTAMPILHA.	
Por anno.....	1520
» Semestre.....	1500
» Trimestre.....	800
Folha avulsa.....	30

Publica-se todas as Segundas e Quintas feiras não sendo dia sanctificado.  
 Assigna-se no escriptorio da redacção na rua de Santo André n.º 34, onde se recebem os annuncios e correspondencias, que deem ser dirigidos á redacção do — PHAROL DO MINHO — francas de porte. — Annuncios por linha 25 reis, re-  
 petição 20 reis — Correspondencias 30 reis por linha.

COM ESTAMPILHA.	
Por anno.....	25440
» Semestre.....	15260
» Trimestre.....	8730
» Supplemento.....	30

## BRAGA 10 DE JANEIRO

### — Ainda o articulista do Moderado e a invasão do Paço —

O TAL articulista accusou acintosamente a primeira auctoridade administrativa deste districto, dizendo que tendo fallecido o Em.<sup>o</sup> Cardeal Arcebispo, ella mandára invadir o Paço Archiepiscopal, pelo administrador do concelho com o fim de encontrar dinheiro (!!!)

Tendo nós indagado o acontecido, restabelecemos a verdade do facto, que só era digno de louvor a quem e por quem fora praticado, que o foi pelo Meritissimo Juiz de Direito, Secretario Geral, e Administrador do concelho; que nós, e sem apparato algum de auctoridade, foram alli offerecer os seus serviços, visto que por via de um dos conegos capitulares, que tinham assistido aos ultimos momentos do virtuoso Prelado, tinham sido solicitadas providencias da auctoridade, para o enterro de Sua Em.<sup>o</sup>, que tendo fallecido não se achando presentes nenhum de seus parentes, se julgava não existirem meios sufficientes para fazer fa e ás indispensaveis despezas do funeral.

O articulista que tinha julgado poder encontrar um novo motivo, para que

desfigurando o facto, e aproveitando a occasião, podesse mais uma vez desabafar seus odios contra a auctoridade, envolvendo-os no sentimentalismo e na dor da morte do virtuoso Prelado, que todos carpiamos — mas que ao Moderado não affectára tanto, que dentro da tarja negra não pudesse encaixar a primeira auctoridade administrativa; como bem nota o Nacional — o articulista diziamos ficou desapontado, por se lhe demonstrar que trucou de falso; e fez estenderete redondo na resposta que deu, ou escapula que engendrou.

Já se vê que da nossa parte ficára a razão e a verdade; e não tencionavamos voltar ao assumpto, que era questão terminada, em que o publico já tinha pronunciado o seu veredictum, e stigmatizado não só a falsidade mas o modo, occasião, e logar, que o articulista tinha procurado para a sua embuscada — não tencionavamos, como diziamos, voltar ao assumpto; porem como tomamos por divisa a defeza dos actos da auctoridade — como principio de ordem e de moralidade — quando fossem falsamente interpretados, ou acintosamente insinuados como reprehensiveis, não podemos deixar de novamente protestar contra as insinuações encapotadas que se encontram na resposta, que sobre o objecto nos dá o tal articulista — que foi

uma emenda por do que o soncto — em que, debaixo d'aparecias laudatorias, é desacatado um das mais respeitaveis integerrimo e intelligente Magistrado; o qual o articulista, na tal resposta que fez inserir no Moderado, e n'outro jornal do Porto, apresenta como negligente na apreciação dos seus deveres, para fóra de cuja obita se deixava arrastar, obedecendo ás intimações de um simples Secretario Geral — que se fez acompanhar por elle; diz o articulista no Porto e Carta. Que conseguiu (o Secretario) que elle (o Mer.<sup>o</sup> Juiz) tomasse parte na scena do escandalo, em que entrára como Pilatos no Crêdo: diz elle no Moderado — (crucifixus sub Pontio Pilato???)

Bem fez o articulista, quando se declarou « unico » porque só elle unicamente poderia alcunhar de negligente ou de subserviente um tão probo, e independente Magistrado, qual o Mer.<sup>o</sup> Juiz de Direito, que indo ao Paço Archiepiscopal, sem escriptão, official de diligencias, ou outro algum apparato, já mais alguém poderia dizer, o que disse o tal articulista, mas todos reconhecem que elle na companhia do Secretario Geral e Administrador do Concelho — tambem sem escriptão — fora ao Paço, para testemunharem como pessoas em categoria, e unicas competentes, o seu

## FOLHETIM.

### Mysterios do Porto.

Por \*\*\*

(Continuado do n.º 197.)

Agora em que Bernarda se recolhia, Eduardo da Silveira entrava em casa da viscondessa, dando-lhe conta do acontecido, biamindo de raiva e desesperação. Ao mesmo tempo, um grande banquete, em casa de Florinda, festejava o bom exito que os operarios do visconde tinham alcançado sobre a policia portuense.

O visconde não presumia d'onde a denuncia viesse tocada. Sabia só que era apontado.... ignorava se sua mulher teria parte nella, ou se seria outra pessoa desconhecida para elle. Todavia, bem pouco se lhe importava, donde o avio tivesse partido.... achava-se salvo, graças á bondade, não sabia de quem, e jurava de dar cabo dos balancés, forcas, etc. do seu estabelecimento, para se não metter em outra, e porque já não ambicionava mais dinheiro.

Admiravel abnegação n'um contrabandista.... e.... n'um visconde!...

Francisco de Sá Magalhães, desde aquelle dia, que nós o vimos na sua fabrica, nunca mais tinha voltado lá, nem acreditava que lhe destinasse assalto. Alfredo, sabia de tudo, e foi quem escreveu uma carta ao chefe da officina, e que

avisou os trabalhadores. Eduardo, a viscondessa, Magalhães, e todos os outros, mesmo os operarios, ignoravam o seu salvador, e o visconde, fazia affoimento, que se elle o descobrisse, sentia bem pago dos seus serviços.

Alfredo, recebera aquella carta que nós vimos Adelaide enviar-lhe, ao outro dia pela manhã, em seguida á noite que elle tinha estado com a viscondessa. Não fizera caso algum della, e lançou-a ao desprezo, como mercês. Desdessa noite, o estudante, nutriu um odio de morte contra Eduardo e a viscondessa, e, ao facto do enredo que o seu rival tramava, ordenou o plano de tal sorte, que o visconde não foi preso, e os seus trabalhadores sahiram a salvo da calçada da Thereza, sem os perturbar o mais ligeiro accidente.

Na noite em que vimos o administrador do bairro, acompanhado de Eduardo e do destacamento da municipal, o visconde que sahia de casa para, na forma do costume, hir até á fabrica, foi interrompido no caminho por um homem que lhe entregou uma carta. Era Anselmo, o chefe da officina: a carta, avisava Magalhães, que não se dirigisse á calçada da Thereza, mas sim á rua 16 de Maio, onde encontraria toda a sua gente. Anselmo acompanhou seu amo, até lá, que hia surpreendido do que se passava, e admirado de que lhe não tivessem dado parte.

Quando chegaram a casa, a primeira pessoa que appareceu a Magalhães foi Florinda, radiante de alegria e de belleza.... de belleza, é verdade!.... No meio da sala, achava-se collocada uma longa meza, onde se via sentada toda a comitiva. Magalhães, ao limiar da porta, ficou surpreso do que via e observa-

va.... parecia-lhe tudo um sonho. A' sua vista, todos se levantaram, mas Florinda que não era de ceremonias, quando se tratava de comer, disse ao contrabandista, em tom que faria commover uma pedra:

— Daes licença que se sentem?

Ainda o visconde não tinha respondido cousa alguma á pergunta da cantora, quando esta fazia um signal aos seus hospedes, para que se sentassem. Dito e feito. O visconde entrára, todos se sentaram á meza, e dentro em pouco o tinir dos garfos e faccas era o unico barulho que substituia o compassado rouco dos balancés da officina do dinheiro.

Florinda, impaciente, rompeu o silencio.

— Então? — disse ella.

— O sur. visconde não falla, — disse Anselmo, como o mais familiar de Magalhães.

— Não t'o disse? — repetiu Florinda.

— O que? — perguntou em fim o visconde.

— Dizias que não era contigo.....

— Mas, que importa agora isso? — atalhou Anselmo, levantando-se com um copo na mão.

— Tendes razão, Anselmo, tendes razão — replicou aquelle homem velho, que vimos na officina, elogiando a tia Bernarda, por lhe dar boa pinga — estamos salvos... todos salvos, e o nosso visconde, o nosso protector, aqui no meio de nós. Sabeis o que me afflige? — E' a tia Bernarda, que se acha só na officina, sem companhia alguma para a distrahir.... coitada!... Anselmo!... a policia já daria a busca?

— Que horas são? — perguntou o visconde.

— Dez e meia — respondeu Anselmo.

— Talvez já fossem — disse o visconde.

— Nesse caso, seria bum mandal-a bus-

respeito e consideração pela memoria do Virtuoso finado; e na persuasão de falta de meios segundo a representação dos capitulares, e pela auzencia dos parentes, providenciarem, como conveniente fosse, e habilitar se a poderem obrar quando fossem necessarios e acceites os serviços que foram offerecer! Só o articulista poderia dizer, que o probo e honrado Juiz de Direito se poderia deixar arrastar, para auctorisar com a sua presença um acto, não diremos injusto, mas nem ainda inconveniente. Esta justiça ninguém lh'a nega.

Mas o articulista viu talvez no creado que com um lampeão accezo, precedendo seus amos, entrava as portas do Paço, um incendiario, prestes a lançar fogo ao palacio; o Secretario, protogonista da acção presidindo ao acto nefando, determinando ao Juiz a arrestação da avultada herança do illustre finado, e ao Administrador revolvesse os cofres repletos, e á falta de escrivães dando commissão *ex jure proprio* aos retractos dos antigos Arcebispos, que elle por suas *malas artes* obrigava a mobilisarem se a taes *deshoras*!

O Drama era então completo na cabeça do auctor, escandecida pelo *enthusiasmo* da scena.

Mas não se assustem; passado o terrivel sonho, a coisa não passou de um cumprimento de dever e consideração, e que o poeta quiz *embellesar*.

Desculpem nossos leitores o modo porque concluímos este artigo: coisas ha que só assim podem evitar as severas reflexões, que cahiriam do bico da pena.

## NOTICIARIO.

**Baile.** — Teve lugar o da Assembleia Bracharense, na noite de segunda feira passada. O serviço foi feito com profusão e delicadeza. Houve bastante

car... eu se fosse rapaz novo, como alguns que aqui se acham, certamente que me deitaria já a caminho, para a acompanhar até aqui, e contar-nos tudo o que se passou, depois da nossa sahida.

— Tendes razão, meu velho, tendes razão — atalhou o visconde.

— Então, cumpre-me ir busca-la, e conduzi-la, não é assim? — perguntou Anselmo.

— E' um sacrificio que fazeis?

— Quando o fosse, cumpril-o-hia com muito gosto.

Anselmo sahio.

Toda aquella gente, e muito mais o visconde estavam anciosos por saber o resultado da denuncia. Seria alguma caçoada? — perguntava o visconde a Florinda, e aos que o rodeavam.

— Caçoada? — exclamou Florinda — qual caçoada, nem meia caçoada! o caso foi muito sério, e se vos achasseis lá estaveis a estas horas mettidos na Relação.

— Mas, quem avisou este gente?

— Olha, toma! disse Florinda, dando-lhe uma carta.

— O visconde leu.

— Mas, como sabiam que eu entrava aqui?

— Então, julgas que nada se descobre?

Olha, meu amigo... quem te avisou, é-te muito affligado, e merece grande recompensa.

— E vós nada sabeis? — insistiu de novo o contrabandista.

— Eu, sei só, — disse o velho — que ante-hontem, quando estavam trabalhando, ouviam-se duas pancadas na porta da rua. Eram 11 e meia, acabaram de dar. Consultamo-nos uns aos outros, para resolver se devíamos, ou

concorrença de convidados, entre os quaes reinou a melhor harmonia. As damas trajavam com gosto. Dançaram até ás 5 horas da madrugada, e sempre com muita animação. Todos se retiraram penhorados das maneiras attentiosas dos directores e mestres-salas, que a nada se poupavam para tornar aquella reunião agradável.

— Não se deve dar em quem está no chão — Assim procederemos nós. O articulista do *Moderado* ficou tão derreado, com a lição severa, que lhe demos em um artigo do nosso n.º passado, a que abatida a *prozopia* que se arrasta no pó dos subterfugios das baboseiras, a que parece querer dar as honras de replica. Leiam, por Deus, as primeiras *gazetilhadas* do seu n.º de hontem: são os arrancos da derrota. Não o affligemos mais sobre o assumpto, que não nutrimos, os desejos de o *vêr morrer* — apesar de elle já bem claramente declarar esse *appetite* a nosso respeito — nem ainda concorrer para augmentar o desvario, a que o arrastão certas *quesilias* de vencido pelos nossos argumentos, pela razão, e até mesmo pela nossa prudencia.

Não abuzaremos generosos da sua fraqueza: mas tornamos a pedir, para que se conheça a exactidão do que acabamos de dizer que leam o nosso artigo do n.º 197, e as replicas *gazetilheiras* do n.º 231 do *Moderado* e digam se o *homemzarão* não fez *fiasco* neste intremez, que o obrigaram a representar!

N. B. Se o articulista por algum *infundado* receio, julgar que esta *lebre* e a outra da *invasão* do Paço, está *corrida*, vamos a alguma outra que por ahí *levante*: mas se por lá lhe ficou segundo o costume alguma *repetitio naiporum* cá nós estamos por tudo — *Valcte*.

— Tempo. — Tem estado tempestuoso, pois que não tem faltado chuva, vento, frio e alguns trovões.

não abrir a porta, por que bem sabiamos que v. exc.ª áquellas horas não hia á officina. Deliberamos, enfim, que fosse aberta, embora fosse a policia; Anselmo dirigiu-se para a ladeira, subiu-a, e, neste momento, tornaram-se a ouvir duas pancadas, e mais duas. Ficamos sem pinta de sangue, como lá se diz, — e tratavamos de resistir, e de fazer pagar cara a ousadia do que se atrevesse a ir perturbar-nos — mas de que valia, snr visconde? d'sgraçados de nós se tal acontecesse. Anselmo, abriu, em fim, e qual foi a sua admiração, quando elle viu um mancebo, que lhe estendia o braço, sem lhe dar logar a abrir a porta, para lhe entregar uma carta, dizendo-lhe ao mesmo tempo: *«pede-se, que acrediteis na leitura dessa carta»* Eu, escutava, mas logo vi que não tinhamos novidade alguma; e muito contente fiquei, e nós todos — não foi assim? — perguntou elle dirigindo-se aos seus companheiros — quando vimos correr Anselmo pela ladeira abaixo, gritando: *«não ha nada... não se assustem.»* Perguntamos-lhe quem era, e o que queria, e elle respondeu-nos, mostrando-nos, e abrindo a carta ao mesmo tempo. Era o diabo em figura de gente! Que devemos fazer? perguntou Anselmo. O que nesse papel se nos recommenda. Assim resolvemos. Largamos o trabalho, fomos ceiar, e como a hora se achava algum tanto adiantada, pois eram quasi duas da noite, ficamos todos de nos levantar ao romper d'alva para enterrar-mos toda a ferramenta, que é, como v. exc.ª terá visto, o que se nos recommenda nessa carta. Mal o dia começava a despontar, nós todos, valentes sapedores, em acção de fortificarmos trincheiras, faziamos profundidades no subterraneo d'altura

— Recebemos hoje, serião 9 hor a da manhã a ultima folha do *Moderado* e nos consta que ella foi hontem entregue aos assignantes.

— *Reintegração.* — Foi reintegrado no logar de secretario da camara e já entrou no exercicio de suas funcções o ill.º sr. Manoel Joaquim Manso.

— *Chegada.* — No dia 5 chegou a esta cidade o ill.º snr. Antonio Feio Soares d'Azevedo: delegado do procurador regio nesta comarca.

— *Cadaver.* — No dia 4 do corrente, na freguezia de Ruivães, concelho de Villa Nova de Famelicão, appareceu asfixiada em um poço Custodia Rios. Esta infeliz, tinha faltado de sua casa no dia 2 do corrente, e passados dois dias, como fossem vistos junto d'um poço os soccos della se suspeitou que se tinha alli lançado; porisso que ha tempos soffria alienação mental.

— *Chegada.* — No dia 8 chegou a esta cidade com algumas praças de infantaria 3 o ill.º snr. Santos, digno alferes d'aquelle regimento.

— *Outra* — No dia 8 chegaram a Villa Nova de Famelicão com direcção ao Porto 15 presos, dois dos quaes erão militares, acompanhados d'uma força do regimento 8 commandada pelo tenente do mesmo o ill.º snr. Sampaio. Consta que vão sentenciados.

— *Prisão.* — No dia 31 de Dezembro, na freguezia de S. Torquato, concelho de Guimarães, foram capturados Antonio Lobo, e Fortunato da Boaventura Pinto, pelo crime de roubo no valor de 12\$000 reis, feito a Manoel Joze Lobo, tambem da mesma freguezia.

— *Roubo.* — No dia 2 do corrente na freguezia de Arcuzello, concelho de Barcellos foi roubada a Manoel José Villas-Boas da freguezia de Villa Cova, uma egoa, que depois appareceu em casa de Manoel José do Valle, tendo sido para alli conduzida segundo este dis-

de tres e quatro homens. Em fim, seriam 4 horas da tarde, quando concluímos aquelle pesado trabalho, e quando a thia Bernarda nos chamava para jantarmos. Era bem necessario; estavamos suando por todos os póros: as camizas, saccaram-se aos pedaços do corpo, para vestirmos outras. Já nada nos restava mais a fazer. Esperavamos pelo outro dia, para cumprir o resto da indicação exarada nessa carta: chegou, e, depois de cada um, pela sua vez, dizer adeus á thia Bernarda, fomos sabindo dissimuladamente, encaminhando-nos a esta casa: o ultimo que chegou aqui fui eu, por ser o de mais idade, e porque me pertencia vir na bagagem. Ora, eis-aqui o que sei, e parece-me que é tambem o que todos os meus companheiros sabem.

Chovia. O discurso deste homem fora escutado com religioso silencio, interrompido só pelo vento, que começava de rijo a sibilar, e pelas gateiras dos telhados, que despejavam agua com abundancia sobre as lageas da rua.

A's ultimas palavras do velho, bateram na porta da sala.

— E' a thia Bernarda! — bradou elle levantando-se.

A porta abriu-se, e em lugar della appareceu um creado, que procurava Francisco de Sá Magalhães, para lhe entregar uma carta.

A carta continha só as seguintes palavras: *«Visconde. Festejai a vossa salvagão. Um amigo dedicado, vela por vós...»*

— *Mysterios!* — disse elle guardando a carta.

(Continua)

se por Francisco de Miranda dos Cruzos e outro individuo.

— *Danube* — E' este o vapor que tem de transportar os productos de industria portugueza que appareceram na exposiçao de Pariz.

— *Estão a postos.* — Os moradores junto á margem do Douro estão vigilantes sobre qualquer vizita inesperada que possam receber das grandes cheias que aquelle rio, tem ha dias apresentando.

DISTRICTO DE BRAGA.

Nota dos preços porque se venderam nos Concelhos do referido districto os generos abaixo designados durante o mez de Dezembro de 1855.

	Trigo Alqueire	Centeo Alqueire	Milho Alqueire
Amares . . . . .	960 520	400	
Barcellos . . . . .	1020 590	410	
Braga . . . . .	1030 550	420	
Cabeceiras . . . . .	920 520	440	
Celorico . . . . .	1000 650	560	
Espozende . . . . .	1050 520	470	
Fafe . . . . .	1000 500	460	
Guimarães . . . . .	1000 600	480	
Povoa de Lanhoso . . . . .	580 460		
Terras de Bouro . . . . .	960 480		
Vieira . . . . .	600 440		
Villa Verde . . . . .	960 540	420	
V <sup>a</sup> N. <sup>a</sup> de Famalição . . . . .	900 550	440	

— *Não é verdade.* — Consta não ser verdade o que se dizia a respeito do novo uniforme: mas sim parece certo conservar-se o adoptado actualmente.

CONCURSOS.

Pelo conselho superior de instrucção publica se hade prover, precedendo concurso de 60 dias, que principiou em 15 de Novembro, perante o governador civil do districto de Aveiro, a cadeira de instrucção primaria (1.<sup>o</sup> grau) de Passos de Brandão (creada por decreto de 24 de Outubro de 1855); com o ordenado de 90\$000 reis annuaes, pagos pelo thesouro publico e 20\$000 rs. pela camara municipal.

Precedendo concurso de 60 dias, que principiou em 15 de Novembro, perante os commissarios dos estudos dos respectivos districtos, as cadeiras de instrucção primaria (1.<sup>o</sup> grau) de Sancta Eufemia, no districto de Santarem (creada por decreto de 24 de Outubro de 1856), Castello Viegas, no de Coimbra, Santa Catharina, no de Leiria; Benavilla, na Casa Branca; e Fronteira, no de Portalegre; cada uma com o ordenado annual de 90\$000 reis pagos pelo thesouro publico, e 20\$000 reis pela camara municipal respectiva.

Precedendo concurso de 60 dias, que principiou em 27 de Novembro, perante os commissarios dos estudos respectivos, as cadeiras de instrucção primaria (1.<sup>o</sup> grau) de S. Silvestre e Rabagal, no districto de Coimbra; de Jouro, no de Villa Real — e as creadas por decreto de 28 de Novembro ultimo para o districto do Porto, nas freguezias de Telloens (logar de Villar), concelho de Amarante; Ramalde (Padrão da Lagoa), concelho de Bouças; Barreiros,

concelho da Maia; Bomfim, 1.<sup>o</sup> bairro do Porto; Povoa de Varzim; S. Thiago de Bougado, e S. Mamede de Coronado, concelho de Santo Thyrsos; e S. Lourenço, concelho de Val Passos; cada uma com o ordenado annual de 90\$000 reis pagos pelo thesouro publico e 20\$000 reis pela camara municipal respectiva.

Precedendo concurso de 60 dias que principiou em 27 de Dezembro, perante os commissarios dos estudos do districto do Porto, as escolas de educação de meninas creadas por decreto de 28 de Novembro ultimo em Amarante — Felgueiras — Villa-nova de Gaia — Felgueira, concelho de Passos de Ferreira — Paredes — Penafiel — Vallongo — e Villa do Conde, todas no mesmo districto; e cada uma com o ordenado annual de 90\$000 reis, pagos pelo thesouro publico; e 20\$000 reis pela camara municipal respectiva.

Precedendo concurso de 60 dias, que teve principio em 18 de Dezembro perante os reitores dos lyceus nacionaes de Coimbra, Lisboa e Porto, a cadeira de grammatica portugueza e latina e de latimidade (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>) do lyceu nacional de Santarem (segundo o programma publicado no *Diario do Governo* n.<sup>o</sup> 132 de 7 de Junho de 1845), com o ordenado annual de 350\$000 reis, pagos pelo thesouro publico.

(O Portugal)

*Fecundidade russa* — A *Gazeta semanal de medecina e de cirurgia*, diz o *Courrier de Marselha*, refere extrahido de um jornal allemão, factos tão extraordinarios da fecundidade das mulheres russas, que seriam difficis de acreditar, se não fossem acompanhados de tão minuciosas circumstancias.

Eis aqui alguns.

Em 21 de março de 1855 foi apresentado á Imperatriz da Russia o camponez Kirlow e sua mulher. Esta camponeza contraira segundas nupcias, tendo setenta annos de idade. A sua primeira mulher parira 21 vezes, em quatro, 4 filhos cada uma, em sete, de tres de cada vez, e em dez, gemeos.

A segunda mulher tinha já tido 7 partos em um 3 filhos ao mesmo tempo e em seis, sempre gemeos. Portanto este patriarcha russo, tinha naquella época 72 filhos vivos.

Esta pasmosa fecundidade tem-se observado mais vezes na Russia.

Assim a camponeza Gasterwa, da villa de Dolgom no governo de Orel, em 1 de Março de 1854, pariu de uma só vez, cinco filhos, dois machos e tres femeas, os quaes morreram no mesmo dia.

Em Torgowa, a mulher d'um Kal-mouck chamada Stodanida, pariu quatro creanças vivas, uma das quaes morreu no dia seguinte.

Na villa de Swonika, governo de Wologda, a camponeza Awlotga Karonewa, pariu em 26 de Maio de 1854, quatro filhos, que todos viveram.

Em Novembro de 1854 outra mulher no governo de Wladimir, pariu quatro creanças.

Ora assim não admira que a Russia tenha tanto soldado, mesmo sendo um imperio tão vasto.

(Jornal do Commercio)

BAIXO transcrevemos um documento que prova o estado de instrucção, em que, salvas as muito honrosas excepções, se acha o clero portuguez, principalmente n'este Arcebispado. E' para conservar este miseravel estado, tão lucrativo para os vendedores d'attestados de *frequencia e aproveitamento*, que elles teem calcitrado contra a Portaria de 20 de Setembro de 1550, e que tanto se empenham em guerrear os Lyceus, onde veem reprovados em instrucção primaria, aquelles mesmos, a quem já tinham vendido os seus attestados de *frequencia e aproveitamento* em todas as disciplinas exigidas para a ordenação. Copiamos fielmente o documento, occultamos porem o nome da freguezia, e o do reverendo encommendado que o assignou.

Ill.<sup>mo</sup> Snr.

Visto que nos foi apresentado a junta Parochia desta freguezia de . . . . do concelho de . . . . um requerimento ou copia de requerimento, do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Governador Civil de Braga, que nos foi apresentado em um officio n.<sup>o</sup> 41 datado de 18 do corrente mez viudo do Ill.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Camara de . . . . a pedir, que a junta de Parochia desta de . . . . lhe informa-se afim de um filhinho de . . . . viuvo desta de . . . . (o nome da freguezia) o que esta junta informa he he com verdade tudo quanto o Supplicante a Lega no seu requerimento so que o dito filhinho revendo os livros dos assentos dos Baptizados desta freguezia nelle se encontra na idade de nove mezes, o Pai he Pobre e tanto que tem mais cinco filhos todos de menor idade e todos, estão, por casas dos bem feitores desta freguezia por esmolla pois que na idade que se achão não, servem para nada, é este por quem o Supplicante requer anda as Esmollas pela freguezia aquem lhe faz a caridade de o Lamentar isto he o que informamos com verdade.

Deos Guarde a V. S.<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> Snr. Presidente da Camara do concelho de . . . .

COMMUNICADO.

E' com o maior prazer que annunciamos a grande satisfação e regoziço que os habitantes de Villa Nova de Famelição patentearam no dia 6 de Dezembro findo, dia em que tomou posse da comarca o meretissimo e entegerrimo juiz de direito, nosso patricio e amigo o ill.<sup>mo</sup> snr. Bartholomeu Correa Moraes de Amaral. Assistiram áquelle acto os ill.<sup>mos</sup> srs juiz substituto Sá Carneiro; o digno administrador do concelho Gaspar Joaquim da Cruz, todos os empregados e muitas mais pessoas.

Subiu ao ar grande quantidade de fogo, dando ao mesmo tempo os sinos signal de alegria repicando no acto da posse. Todos os habitantes d'esta Villa quizeram á porfia dar ao snr Amaral as maiores provas de geral estima.

Com não menor regoziço foi tambem presenciada a posse da nava camara no dia 2 de Janeiro: pois que todos os vereadores mereceram a estima e sympathias geraes.

A eleição da camara nova e de que o municipio tanto se pôde usar,

foi coroada com acertada e boa escolha que os dignos vereadores fizeram de entre si para seu presidente, a qual recahiu no ill.<sup>m</sup> sr. José Ludovice de Araujo Leão, cuja capacidade e intelligencia é por todos reconhecida tornando-se além disto digno de estima e respeito de todos.

Para tornar aquelle acto da posse mais pomposo e expressivo de regosijo e approvação publica achava-se o Paço do Concelho embandeirado, todas as portas com cortinas de damasco, as janelas também endamascadas e ornadas com ramos de murta e flores, havendo a maior concorrência do povo.

## EXTERIOR.

Vienna, 27 de Dezembro.

O barão Koerneritz, embaixador de Saxonia, chamado hontem de tarde pelo telegrapho a Dresde, partiu para esta capital. O coronel de Mantuffel chegará de Berlin esta tarde. Circulam boatos de paz.

Dresde, 27 de Dezembro.

O barão Seebach, ministro da Saxonia em Pariz, e genro de M. de Nesselrode, que parte para S. Petersburgo, deve sobre tudo dar alli esclarecimentos sobre a situação e aconselhar a moderação ao governo russo, que comprehendendo sempre a neutralisação do mar Negro d'um modo differente das potencias alliadas.

(Correspondencia Havas.)

As noticias d'Athenas são de 19 de Dezembro.

A visita feita pelo barão de Prokesch-Osten ao rei Othon teve como resultado tornar este ultimo muito mais favoravel ás potencias occidentaes.

A *Gazeta de Madrid* publica o seguinte despacho telegraphico:

Pariz, 29 de Dezembro.

As tropas que voltam da Crimea tem atravessado os *bulevares* levando em suas armas laureis: uma immensa multidão, ebria de enthusiasmo, victoria-as sem cessar.

Eis a substancia do discurso que o imperador lhes dirigiu:

Começou dizendo que as tropas mereceram muito da patria, e expressou acaloradamente o seu profundo sentimento de não ter podido elle mesmo conduzi-las ao combate.

«Vós, disse aos soldados, representaes o exercito do Oriente, cujo valor tem reivindicado para a França o lugar que lhe corresponde no conjuncto dos grandes povos europeus.

Chamei vos, apesar de não estar terminada a guerra, por que é preciso que cada regimento do exercito francez tome parte na gloria do paiz, que sustenta 600,000 homens, e não retrocederei ante o reconhecido interesse de conservar um exercito aguerrido e numerozo prompto a marchar para onde seja necessario. Conservai cuidadosamente os habitos da guerra, e estai promptos a acudir, quando for mister, ao meu chamamento, dando entretanto graças ao Ceu que nos tem conservado a vida, e nos permite ser glorificado por vossos irmãos e concidadãos.»

O *Jornal de Constantinopla* de 17 contem as seguintes novas do theatro da guerra:

Recebemos pelo correio de Kamiesch, com data de 11 de Dezembro, cartas de nossos correspondentes que nos dão noticias sobre os differentes pontos da occupação alliada.

Tomaram-se medidas para tirar aos russos a esperanza de se aventurar para o futuro a fazerem sortidas sobre os nossos pontos avancados, e as medidas juntas com o mau tempo e a inundação do Tchernaiá, que torna impossivel um encontro sobre uma linha de qualquer extensão, permittirão aos alliados passar o inverno sem serem visitados por incommodos de fóra.

A chuva tem continuado a cahir com uma tal pe severança que a extensão da planicie á excepção das ruas e das partes niveladas, não apresenta á vista senão um immenso lamaçal; as mesmas estradas seriam impraticaveis, não obstante a sua perfeita construção, para rapazes delicados da civilisação occidental. Mas os soldados pouco se importão com isso, e não temem diz o nosso correspondente, compemeter o verniz do seu calçado.

Na Crimea o que tem soffrido mais das ultimas intemperies são os vasos do mar; quatro transportes foram arremeados ás costas. Dous d'estes, dizem, são inglezes, um é francez e o outro pertence a uma potencia neutra. Ainda se lhes não sabe os nomes.

Os russos, que da parte do norte tem continuado o seu bombardeamento embalde, vão em fim encontrar a quem responder; todas as baterias dirigidas contra elles estão montadas e não tardarão a abrir o fogo do qual os russos terão a soffrir muito mais que nós, por que as nossas tropas estão fora do alcance de seus projectis.

Tracta-se hoje vivamente da partida da divisão do general Le Chasseloup-Laubat para Eupatoria, em que suas tropas encheriam o vazio feito pela divisão egypcia.

Mas, em razão do mau tempo que reteve os transportes no mar, e que faz com que o embarque seja muito difficil, a divisão egypcia debaixo das ordens de Ahmet Ménékli Pachá ainda não deixou Eupatoria.

Quanto á divisão da cavallaria ingleza que se achava n'esta cidade debaixo das ordens do general Soarlett, embarcou-se toda e tinha partido com data de 10 com destino para Constantinopla.

Os docks, que um rumor muito espalhado tinha annunciado terem saltado pelos ares no dia 3 de Dezembro ainda estão em pé. Os ultimos trabalhos, retardados pelo mau tempo, não estavam ainda terminados n'esta data. Julga-se que ainda é necessario alguns dias aos mineiros para dar bom exito aos preparativos.

Pensa-se no campo e assegura-se mesmo que a explosão d'este gigantesco edificio está reservada para dia de Natal. E' um fogo d'artificio de nova especie que será dado á tropa e mais particularmente ao exercito inglez.

«Os trabalhos comprehendidos em volta dos docks foram transtornados por um accidente: uma bomba partida dos fortes do Norte veio rebentar no meio dos trabalhadores, ferindo 4 homens e um

quinto mortalmente. Devemos accrescentar que é esse o unico resultado effectivo do bombardeamento encarniçado dos russos ha mais d'um mez.

«Em Kinburn o estado da guarnição é tão satisfactorio quanto se poderia desejar.

«Não ha a lamentar senão uma cousa, a pouca regularidade das communicações em Kamiesch; mas tomaram-se medidas para regularisar o serviço. A esquadra estacionaria está no melhor estado. O frio é igualmente mui vivo, e viram-se chegar ao golpho de Kherisson pedaços de gelo trazidos pelas aguas do Bug.

«Os soldados da guarnição vivem n'uma perfeita segurança. Desde os primeiros dias do mez viram-se apparecer alguns exploradores russos ao horizonte; mas nem um desacompanhado se aventurou a aproximar-se ao alcance de nossos postos avancados.

«A praça commercial de Kinburn está representada por tres commerciantes de retalho que são insufficientes para occorrer ás necessidades das tropas.»

Escrevem do campo diante do Sebastopol ao «Express»

«Diz-se que sir Colin Campbell deve o mais cedo possivel dirigir-se no anno proximo á Georgia, e que o exercito francez deve embarcar para o Báltico, o que significa que os inglezes farão na primavera proxima uma campanha na Asia, e os nossos alliados uma campanha na Europa.

«A artilheria deu ultimamente um espectáculo recreativo ao exercito. No dia 14 de Novembro houve uma revista da artilheria a cavallo. No dia 15, ás onze baterias de campanha e as suas baterias de calibre grosso executaram manobras e terminaram o dia por uma descarga real.»

Escrevem de Dresde com data de 25 de Dezembro á «Gazeta das Postas»

«Assegura-se que a Russia está disposta a accetar a interpretação ou antes a applicação do terceiro ponto da garantia, e a consentir que o mar Negro seja declarado *mare clausum*, ou aberto sómente aos navios mercantes, mas com a condição de que a neutralidade comee a partir de Smyrna, e por conseguinte se estenda a toda parte do mar Egeu. A Russia motiva esta proposta sobre a razão de que uma vez o mar Negro declarado neutro; as potencias occidentaes não teriam já necessidade d'um estação maritima além de Smyrna, nem para sua propria segurança nem para a da Turquia. Mas isto por ora não passa d'um simples boato.»

(Commercio do Porto)

### Publicações Litterarias.

Recebemos o n.º 73 da Gazeta MEDICA de LISBOA.

—PUBLICOU-SE o n.º 7.º do JORNAL de ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE.

TYP. BRACHARENSE